

# Amor a distância: a vida pessoal na era da globalização

Recebido: 17-04-2015  
Aprovado: 15-05-2015

(BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. *Distant Love: Personal life in the Global Age*. Cambridge: Polity Press, 2014, 216p.)

Tânia Tonhati<sup>1</sup>

*“It really is very, very hard to manage a relationship between two continents” (p.1)*

A partir dessa frase dita por uma atriz com relação ao seu divórcio, Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim indagam como as relações familiares e amorosas se constituem no atual mundo globalizado, e é com essa questão em mente que o leitor deve aterrizar no livro: *Distant Love: Personal Life in the Global Age*. Publicado em 2014, este livro busca ser uma atualização do livro *The Normal Chaos of Love*, publicado pelos mesmos autores em 1995. Todavia, se no livro de 1995 eles inovam ao demonstrar como o processo de individualização, em conjunto com a idealização do conceito de amor, não apenas minou a forma tradicional de família nuclear, como também possibilitou a emergência de uma multiciência de novos tipos de famílias; no livro de 2014, os autores incluem o fator geográfico – distância - como componente indispensável para entender as relações familiares atuais no mundo global. Portanto, nesse novo livro, Beck and Beck-Gernsheim ampliam os horizontes para entender *The Global Chaos of Love*.

O fenômeno de famílias vivendo a distância não é novo. Entretanto, o número de pessoas que vivenciam tal realidade vem crescendo exponencialmente, de modo que, na mesma medida, as formas e as dinâmicas familiares também se tornam cada vez mais diversificadas. Os relacionamentos de longa distância, focado pelos autores, compreendem diversos formatos, como por exemplo, os casamentos entre pessoas de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia na Universidade de Londres – Goldsmiths College. Pesquisadora e coordenadora executiva do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra/UnB/MTE. E-mail: tania.obmigra@gmail.com

nacionalidades diferentes, relacionamentos entre as pessoas que migraram para trabalhar e/ou casar, as mulheres que alugam seus úteros e relações amorosas mediadas por Skype. Essas relações são denominadas famílias globais. Eles explicam que esse conceito deve abarcar pessoas que partilham a mesma cultura ou origem, mas que não vivem juntas, e aquelas que vivem no mesmo lugar, mas cujos membros são oriundos de diferentes países e/ou continentes.

A grande contribuição do livro está no argumento de que as famílias globais compartilham uma característica em comum: são nelas, no interior da esfera privada e da intimidade, que diferentes aspectos do mundo globalizado incorporam-se. Os conflitos entre países desenvolvidos e em desenvolvimento vêm à tona no dia a dia das referidas famílias, e, logo, adquirem rostos e nomes, criando confusão, surpresa, raiva, alegria e prazer na vida cotidiana.

O livro é composto de onze capítulos, alguns mais substanciosos que outros. No primeiro capítulo - *Globalization of Love and Intimacy: The rise of world families* - os autores trazem exemplos de obras literárias, bem como de estudos empíricos para demonstrar como conflitos mundiais ocorrem na intimidade das famílias globais. Eles exploram o modo como histórias de vidas e narrativas fictícias sobre casamentos multiculturais, amores entre pessoas em diferentes países, mães e pais que experienciam um projeto migratório retratam a entrada da sociedade global as portas das casas. Nesse contexto, os autores questionam como as relações amorosas e familiares se tornaram ponto de intersecção de eventos globais; o que acontece quando fronteiras nacionais e sistemas jurídicos internacionais, como leis migratórias e os limites de fronteiras, atingem diretamente o interior das relações familiares e quais as implicações para a concepção de amor e intimidade. Em suma, indagam como viveremos o paradoxo da intimidade global. Na busca por responder tais perguntas, os autores demonstram, por meio de exemplos empíricos nos capítulos seguintes, como esse paradoxo se verifica na vida cotidiana dos indivíduos.

Os capítulos 2 - *Two Countries, One couple: tales of mutual understanding and misunderstanding* - e 3 - *Love has two enemies: distance and closeness* - são

predominantemente dedicados às relações de casais<sup>2</sup> que vivem casamentos interculturais. O segundo capítulo busca entender em que medida as relações entre pessoas de diferentes nacionalidades se diferem das relações de pessoas que dividem o mesmo local de nascimento, o mesmo idioma e costumes culturais. Os autores ressaltam que, apesar de muitos casais interculturais afirmarem que suas experiências são análogas as de qualquer outro casal, esses mesmos casais contam histórias que demonstram que suas experiências, na verdade, são divergentes.

Se por um lado, o amor entre casais interculturais permite viajar na mente do outro para lugares afastados, o que possibilitaria uma educação sobre o mundo, por outro lado, esses contam com o *burden of memory*, ou seja, as memórias do país de origem, os hábitos alimentícios diferentes, as variadas formas de cumprimento, de presentear, de conversar e de perceber os padrões de comportamento podem levar a mal-entendidos e conflitos constantes.

Além disso, essas relações podem ter seu equilíbrio desregulado quando posicionamentos geográficos se invertem. A mudança de um país para o outro pode levar à dependência de um membro do casal perante o outro e, ainda, a perda de status e convívio social. Portanto, nesse capítulo, os autores elencam vários elementos que permeiam as relações interculturais e fazem delas únicas. Já no capítulo subsequente, demonstram como o amor pode ter dois grandes inimigos: a distância e a proximidade.

Qual a distância limítrofe a qual o amor pode sobreviver? Qual a distância mínima necessária ao amor? Como a distância transforma a natureza do amor? Essas são questões analisadas no terceiro capítulo e, para melhor respondê-las, Beck e Beck-Gernsheim estabelecem duas formas de amor a distância, a saber, há aquele que é definido pela distância geográfica e aquele que se dá pela distância cultural. Nesse capítulo, chamam atenção, ainda, para como, historicamente, a relação amor, casamento, filhos e felicidade muda ao longo da história e ganha significados distintos em cada época.

---

<sup>2</sup> Exemplos majoritariamente de casais heterossexuais

Vale ressaltar o argumento que os autores desenvolvem com relação à ideia de amor e trabalho. Eles demonstram como as famílias são moldadas pelas demandas do mercado de trabalho e como o processo de globalização tem levado o amor a distância a ser uma forma de amor em que quase nenhum espaço sobra para filhos. Nesse sentido, eles argumentam que se na antigamente a ordem era *marriage, children, maybe love*, nos anos 50 e 60s *love, marriage and children*, já no começo do séc XXI, essa ordem passa a ser *love and many maybes*.

Apesar de apresentarem um argumento robusto, de que o mundo global oferece às pessoas muitas possibilidades de escolhas, o que lhes permitiriam não seguirem padrões preestabelecidos de família, os autores dão pouca atenção às diferenças de gêneros e classe, que fortemente interferem sobre essas escolhas. Nesse sentido, os autores, uma vez mais, não aprofundam sua discussão considerando esses fatores de desigualdade, como já observado por Jamieson (1998), na crítica do livro *The Normal Chaos of Love*.

O quarto capítulo é dedicado à discussão sobre cosmopolitismo e não traz grandes contribuições para o argumento do livro, parecendo, assim, desencaixado. Se esse capítulo deixa a desejar, o quinto capítulo - *Intimate Migrations: Women Marrying for a better life* – e o sexto - *Love Displaced: Migrant Mothers*, contrariamente, trazem casos empíricos e argumentos relevantes.

O quinto capítulo pretende responder a seguinte pergunta: o que leva as pessoas a buscarem o casamento e o amor intercultural? Para Beck e Beck-Gernsheim, essa decisão não deve ser vista somente como individual, do espaço privado e íntimo, mas como uma construção social, envolvendo padrões e expectativas do que é desejável. Desse modo, baseando-se no autor Appadurai (1991), argumentam que o conceito de amor idealizado e globalizado pelos padrões ocidentais atinge o mundo não ocidental através das mídias globais. A idealização de um mundo perfeito com grandes casas, conforto, passeios, jantares românticos, contribui para que as pessoas se apaixonem e busquem um casamento que as permita migrarem para países ocidentais.

Nesse sentido, os autores refletem sobre a ideia de casamento por conveniência, expressão corrente nos discursos políticos, na academia e no dia a dia dos migrantes.

Eles demonstram como a distinção entre *love marriage* e *marriage of convenience* tem, contida em si, a suposição de que a versão ocidental de união entre duas pessoas representa o mais alto grau moral, enquanto a versão não ocidental é apresentada como de menor valor moral – considerada retrógrada, forçada, ou “impostora”. Utilizando o argumento de Berger (1963), ressaltam que essa distinção é uma idealização ocidental, uma vez que a atração e desejo entre pessoas é consequência de uma consonância de valores, preferências e interesses que são, essencialmente, determinadas pela origem social. O amor, portanto, não é um fator casual, mas sim uma construção do que é desejável e apropriado. Há, também, o chamado *cultural logic of desire* (Constable, 2005), que abarca o casamento para fins de migração, ou seja, existe o desejo de migrar e esse desejo pode ser combinado com a atração pelo estrangeiro, que se torna o alvo do desejo, das próprias esperanças e fantasias - elementos associados ao amor.

No sexto capítulo, os autores buscam exemplos que vão para além da relação de casais e demonstram como alterações na família, principalmente a emancipação da mulher ocidental, geraram mudanças na lógica global da divisão do trabalho. Eles argumentam que a divisão do trabalho atualmente está diretamente ligada à vida pessoal, mais especificamente, a vida de pessoas ordinárias, principalmente as classes médias ocidentais. A mulher branca, ocidental, de classe média<sup>3</sup> se emancipa, no entanto, o homem se mantém inflexível e não adentra o espaço do trabalho na esfera da casa; além disso, faltam espaços públicos para cuidados de crianças e idosos, e, claro, há o grande abismo entre as regiões ricas e pobres do mundo. É nesse contexto em que os conflitos mundiais são introduzidos no espaço da casa e se tornam um conflito de família.

A partir daqui, os autores recorrem aos conceitos de Hochschild (2003) and Parrenas (2001), a saber, *global care chain*, *hierarchy of caring*, *global heart transplant* e *care drain*. Esses conceitos explicam o seguinte movimento: nos países em desenvolvimento, a filha mais velha se responsabiliza por cuidar dos irmãos mais novos, o que libera a mãe para cuidar de outras crianças de uma família mais abastada, de modo que ela ganha algum dinheiro. A mãe das crianças mais abastadas das quais ela

---

<sup>3</sup> Os autores não especificam classe e raça, mas é preciso definir quem é essa mulher de quem eles falam.

cuida, por sua vez, poderá, assim, emigrar para um país desenvolvido, geralmente ocidental, onde realizará um trabalho de babá, cuidando dos filhos de uma mulher ocidental, que saiu para o mercado de trabalho. Constitui-se, assim, a cadeia de cuidados. Esse processo revela questionamentos morais sobre a ideia de maternidade, ao mesmo tempo em que evidencia dilemas políticos, principalmente para feministas ocidentais, que sempre lutaram por igualdade para todas as mulheres, e se tornam, agora, empregadoras, que exploram a desigualdade do mundo global para sua própria emancipação. Para além disso, paradoxalmente, essa exploração harmoniza os discursos políticos de igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, essas migrantes são invisíveis e silenciosas ajudantes do sistema.

Como consequência, depois de demonstrarem a forma como a cadeia de cuidados se constitui e os dilemas que mulheres sofrem nesse ciclo, no capítulo sete - *Male Hegemony in Decline? Why women gain power in world families* - os autores indagam se as mulheres falham em progredir na sua emancipação e na escala social e também se a hierarquia entre os sexos permanece inalterada quando as mulheres imigram. Para buscar respostas, observam a geografia das migrações. Segundo eles, mulheres ocidentais que migram para países orientais ou do Norte para o Sul tendem a perder direitos, já o movimento de mulheres vindo do Sul para o Norte, tendem a ganhar em direitos e emancipação. Essa divisão generalizada e simplista entre Ocidente e Oriente e Norte e Sul, denota a visão eurocentrada dos autores.

No entanto, do meio para o final desse capítulo, os autores voltam a um tom menos eurocentrado, em que questionam a metodologia nacionalista de análise, sendo essa, portanto, a grande contribuição do capítulo. Assim, os autores explicam que é preciso ter uma visão da sociedade de destino, bem como da sociedade de origem; é preciso observar que há uma posição dual na hierarquia social, uma na sociedade de origem, uma na sociedade de destino e, ainda outra, que se constrói a partir da interseção das duas primeiras. Dessa forma, em um espaço pode haver ganho de status social, geralmente perante a sociedade de origem, e em outro, pode ocorrer perda, na sociedade de destino, e nesse intervalo, há uma nova situação, a ambivalência do ganho e da perda.

No capítulo oitavo - *Transnational Family Network: Winners of Globalization?* - os autores apontam, de forma muito breve, como as famílias globais são capazes de aproveitar as oportunidades nos mercados mundiais, criando e compartilhando capital econômico e cultural entre seus membros. Já o capítulo nono - *My mother was a Spanish ovum: Baby Tourism and Global Patchwork Families* -, o último capítulo empírico desse livro, traz para o leitor uma perspectiva de amor a distância que foge da temática da migração, até então utilizada pelos autores.

Beck and Beck-Gernsheim discutem como o desenvolvimento médico-tecnológico e a desigualdade entre países ricos e pobres têm diversificado a concepção clássica de família. Com a possibilidade da fertilização *in vitro*, reforçada pelas desigualdades sócio-econômicas, culminando no aluguel do útero, um casal atualmente pode ter um filho de um óvulo espanhol, um espermatozóide alemão e uma barriga de aluguel indiana. Nesse cenário, os autores indagam: como a maternidade será concebida? A maternidade pode se tornar uma mercadoria e ser comercializada? Em que medida uma clínica de aluguel de úteros tem legitimidade moral sobre os corpos das mulheres? Quem formará parte dessa família e quem não formará - o doador de espermatozóide, a doadora do óvulo, a mãe de aluguel? Onde se estabelece o limite de família e por quê? Quais os sentimentos e vínculos que existe entre essas pessoas? Quais são os sentimentos que devem ser reprimidos e quais são muito arriscados para o mercado global?

No intuito de trazer reflexões para essa discussão, os autores dividiram esse capítulo em cinco partes. Na primeira, analisam os discursos controversos sobre a modernização das técnicas reprodutivas e como o modelo tradicional de família tem se modificado e novas constituições, emergido. A segunda, terceira e quarta partes desse capítulo estão entrelaçadas e trazem à tona uma exposição importante de como se dá as transações globais de reprodução e nascimento. Eles vão demonstrar como os custos e as restrições legais criam mercados mais atraentes e repulsores para a comercialização de tratamentos para fertilidade e para aluguel de úteros. E, ainda, argumentam que, no processo de “produção” de uma criança, é preciso estabelecer técnicas de controle sobre os sentimentos maternos, já que os meios de concepção perpassam por fortes construções morais. Nesse processo há uma divisão do trabalho, no qual se estabelece

várias maternidades, ou seja, uma mulher providencia o óvulo e outra carregará o bebê e dará luz a essa criança.

Os autores finalizam esse capítulo apresentando falas de vários adolescentes e jovens que nasceram de doador de esperma ou barriga de aluguel; esses jovens, que recentemente chegaram à fase adulta, têm em comum a busca por suas origens biológicas e argumentam que os pais agiram para satisfazer suas próprias necessidades; alegam, também, que a afirmação de que foi um ato de amor, não se justifica por si só. Essas declarações apontam, claramente, que vários dilemas emergem como consequência da possibilidade de construção de famílias globais, reiterando que tamanha abertura para a construção dessas famílias tem, em seu cerne, retratada a desigualdade mundial.

Nos dois capítulos finais, Beck e Beck-Gernsheim reforçam o argumento desenvolvido ao longo do livro: o de que vivemos uma mudança histórica na maneira em que concebemos e praticamos as relações amorosas e familiares. No penúltimo - *The Intimate is Global: The model of Distant Love* – reiteram que é preciso ir além do *The Normal Chaos of Love* (1995), ou seja, atualmente é necessária uma proposta metodológica que supere as fronteiras de Estado-Nação. Logo, os autores resumem que as famílias globais possuem cinco pilares que estão interligados entre si, que foram discutidos ao longo do livro, e que o reconhecimento deles é essencial para um melhor entendimento desse fenômeno social. São eles: 1) *the distant other is in the midst of our family*, 2) *cross-border communication*, 3) *global inequality acquires names and faces*, 4) *beyond national law*, e, finalmente, 5) *your families, our families: clashing ideals?* Já no último capítulo - *Are world families pioneers of cosmopolitanism?* – os autores, além de reforçar seus argumentos, finalizam com um *Postscript* para o futuro, no qual criam um possível retrato de como as famílias globais seriam tratadas em 2061.

Em resumo, o livro *Distant Love* proporciona ao leitor uma rica contribuição no que diz respeito às mudanças que ocorrem, atualmente, nas relações íntimas, amorosas e familiares. Se em alguns momentos o livro peca por uma proposta muito abrangente e com alguns capítulos não substanciais em análise, outros são férteis em exemplos empíricos e *insights* que levam à reflexão. A maior contribuição desse livro está na tese defendida de que famílias globais refletem as turbulências do mundo globalizado na



esfera íntima da vida privada. Esse argumento serve para estimular que mais pesquisas sejam realizadas sobre essa temática. Do mesmo modo, essa resenha buscou instigar a leitura da obra aqui exposta.

## **Referências**

APPADURAI, Arjun. Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology, in Richard G. Fox (ed.), *Recapturing Anthropology: Working in the Present*. Santa Fe, NM: School of American Research Press, p. 48-65, 1991.

BERGER, Peter. *Invitation to Sociology: A Humanistic Perspective*. Garden City, NY: Doubleday, 1963.

CONSTABLE, Nicole. Introduction: Cross-Border Marriages, Gendered Mobility, and Global Hypergamy, in Constable (ed.), *Cross-Border Marriages: Gender and Mobility in Transnational Asia*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 1-16, 2005.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Love and Gold, in Barbara Ehrenreich and Arlie Russel Hochschild (eds), *Global Woman: Nannies, maids, and Sex Workers in the New Economy*. London: Granta, p. 15-30, 2003.

JAMIESON, Lynn. *Intimacy: personal relationship in modern societies*. Cambridge, Polity Press, 1998.

PARRENAS, Rhacel Salazar. *Servants of Globalization: Women, Migration and Domestic Work*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001.